

ESPÍRITO SANTO, SACRAMENTOS, IGREJA

Em tese, a presente matéria afirma que o Espírito Santo constrói a Igreja mediante os sacramentos e a envia em missão profética, realizadora de uma ética sacramentalmente motivada. O tema é desenvolvido em três seções: a primeira para expor a relação entre o Espírito Santo e os sacramentos, em três níveis: presença do Espírito na Igreja, Pentecostes permanente e divinização do homem pelo Espírito; a segunda seção tratará sobre as duas dimensões da epiclese: a santificação das ações simbólicas e a santificação da assembleia; a terceira seção versará sobre a epiclese litúrgica e o caráter comunitário e ortoprático da graça santificante.

I. RELAÇÃO ENTRE ESPÍRITO SANTO E SACRAMENTOS

O tema da relação entre o Espírito Santo e os sacramentos não foi muito desenvolvido no Ocidente. O Concílio Vaticano II não expressa toda a riqueza doutrinária, mas contém afirmações de notável interesse: o Espírito Santo é lembrado 258 vezes. Ele está presente nos sinais sacramentais, agindo como um poder plenificante sobre nós.¹ Aqueles que creem em Jesus, “*pela graça do Espírito Santo, tornam-se com o batismo verdadeiros filhos de Deus, perpetuando seu povo através dos séculos*”.² A Igreja é a morada de Deus entre os homens, continuamente construída pelo Espírito Santo, presente e atuante na liturgia.³

Carlo Rocchetta,⁴ partindo do “princípio da polivalência da ação do Espírito” nos sacramentos, formulado por Boris Bobrinsky,⁵ desenvolve a relação entre o Espírito Santo e os sacramentos em três níveis: presença do Espírito na Igreja; Pentecostes permanente; e divinização do homem pelo Espírito.

1. Presença na Igreja

Os sacramentos, atos do Senhor glorioso, constituem manifestação privilegiada da presença do Espírito operando na Igreja. A função do Espírito é prosseguir a obra do Verbo encarnado e levá-lo ao seu pleno cumprimento (Jo 14,26; 15,26-27; 16,7-15). Ele opera na história para que o desígnio da salvação alcance o seu *teleiôsis* – plenitude. Acontece aí um dinamismo cristológico-pneumatológico-ecclesial. Assim, a economia sacramentária recapitula toda a *oikonomia* trinitária da *historia salutis*.

Diz São Basílio Magno: “*Quanto à economia de salvação concernente ao homem, ela se torna realidade pela bondade do Pai, por meio do nosso Salvador Jesus Cristo, ninguém poderá negar que só pode ser participada [e comunicada] por meio da graça do Espírito*”.⁶

A Igreja não pode ser considerada como pura reedição da história de Jesus, mas deve ser vista como *evento* de seu Espírito. A relação entre Jesus e a Igreja não pode ser reduzida à relação entre um fundador e sua instituição; é, antes, uma relação de sacramentalidade: primeiro Jesus que prepara a Igreja, depois Jesus no Espírito que vive na Igreja.

Segundo Francesco Lambiasi, “*a memória de Jesus, ou anamnese, nunca poderá bloquear a Igreja numa volta atrás, mas a colocará em movimento para a epiclese, projetando-a para frente. Eis por que a Igreja é sempre a mesma e sempre nova: idêntica a si mesma, não com a identidade*

¹ Cf. LG 50.

² LG 12.

³ Cf. SC 2.

⁴ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991, 179-184.

⁵ Cf. BOBRINSKOY, Boris. *Quelque réflexions sur la pneumatologie du culte*. In: AA.VV., *Mélanges liturgiques offerts au P. B. Botte*. Louvain, 1972.

⁶ SÃO BASÍLIO MAGNO. *Sullo Spirito Santo* (PG 32, 140B; SC 17, 180). In: A. M. TRIACCA, *Espírito Santo*. In: D. SARTORE – A. M. TRIACCA. *Dicionário de liturgia*. São Paulo – Lisboa: Paulinas – Paulistas, 1992, 369, nota nº 16.

da pedra, mas de um ser vivo. O evento da salvação é graça que não se repete nunca, no tempo e no espaço, tal e qual, mas é sempre sinal da visita livre e imprevisível do Espírito".⁷

2. Pentecostes permanente

Os sacramentos conferem o dom do Espírito e os bens messiânicos que o acompanham. A irrupção do Espírito não é destinada a permanecer acontecimento isolado ou exclusivo da primeira comunidade apostólica: é destinada a repercutir e se repetir em todos aqueles que, crendo em Jesus, se converterem e se batizarem em seu nome para receber o dom do Espírito Santo (At 2,37-39). É somente graças a esse dom que a Igreja cresce e se constrói com variedade de missões e carismas (1Cor 12-14).

Os sacramentos são “espaços” privilegiados em que se dá o desdobramento do dom do Espírito em cada crente para a construção da Igreja no mundo. A liturgia, na celebração dos sacramentos, é perene páscoa-pentecostes. Isso é fortemente constatado na Teologia cristã oriental. Um de seus maiores expoentes, Paul Evdokimov, afirma: “*no cerne de cada sacramento existe a ação do... próprio pentecostes, está presente a descida do Espírito Santo*”.⁸

3. Divinização

O Espírito Santo interioriza no crente o evento sacramental da graça e nela o faz crescer pela transformação interior, do coração: “*amor de Deus que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*” (Rm 5,5). Em virtude do Espírito, a graça sacramental alcança a parte mais profunda do nosso ser, transfigurando-nos com a sua unção espiritual e “divinizando-nos” em Cristo e na Igreja.

II. EPICLESE PARA SANTIFICAÇÃO

Examinam-se aqui duas dimensões da epiclesse: a santificação das ações simbólicas e a santificação da assembleia.

1. Santificação das ações simbólicas

Na liturgia sacramental, a Igreja invoca a força transformante e santificante do Espírito Santo tanto sobre os elementos da criação como a água e o azeite, o pão e o vinho, como sobre os gestos e palavras humanas como o sinal da cruz e a fórmula “Te absolvo de todos os teus pecados”. Esta primeira dimensão da epiclesse, que pretende consagrar todo o acontecimento litúrgico, manifesta concretamente a fé da Igreja em que todas suas ações simbólicas são ao mesmo tempo ações de Cristo, não somente as já realizadas por ele uma vez por todas, mas também as que ele realiza continuamente na glória em favor dos seus que caminham até ele na história. Porém, Cristo opera nos símbolos da Igreja não de forma imediata senão mediante o Espírito Santo, que o faz sempre presente e eficaz, sem que ele tenha que abandonar a glória do Pai. A invocação do Espírito Santo sobre os ritos da Igreja expressa e atualiza não só sua santidade permanente como corpo místico de Cristo, mas também sua unidade dinâmica com sua Cabeça gloriosa.

Os dois sacramentos principais da Igreja – o Batismo e a Eucaristia – são mencionados, no Credo dos Apóstolos, no terceiro artigo, que professa exatamente a inclusão dos cristãos no ser e na obra criadora do Pneuma, não se diminuindo com isso a função redentora do Verbo. Os sacramentos possuem uma dupla dimensão: cristológica e pneumatológica. Sinteticamente, afirma-se que a epiclesse santificadora do Espírito complementa a anamnese e a prognose do Filho,

⁷ LAMBIASI, Francesco. *Espírito Santo*. In: R. LATOURELLE – R. FISICHELLA. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis – Aparecida: Vozes – Santuário, 1994, 269.

⁸ EVDOKIMOV, Paul. *L'ortodossia*. Bologna: Il Mulino, 1965, 362, in: TRIACCA, *Op. cit.*, 369, nota nº 16.

manifestando-se em três fatores essenciais para a vida da Igreja: a mediação, a exultação e a inculturação.⁹

a) Mediação

O Espírito é o *mediador* divino que torna presente e eficazmente operante o Cristo na Igreja. Ainda que desempenhe esta mediação de múltiplas formas, o depósito da fé sublinha os atos que ele opera de modo especial para a edificação constante da Igreja: a recepção das Escrituras (Gl 3,2-5), a distribuição dos carismas (1Cor 12,4-11), a prática da oração (Rm 8,26-27) e a da caridade (Fl 2,1-2). Porém, todos estes atos convergem no culto cristão, ou seja, na ação sacramental pela qual Jesus Cristo comunica a salvação, mediante símbolos, oferecendo a seu corpo social, à Igreja, no Espírito Santo.

b) Exultação

Se o Espírito Santo é a alegria que o Pai experimenta em seu Filho ressuscitado, a Igreja que vive da ressurreição *exulta* na presença do mesmo Espírito que anima sua liturgia do mesmo modo que vivifica o corpo do Filho crucificado (Rm 8,11). Assim como Jesus tem se alegrado no Espírito Santo (Lc 10,21), também a Igreja descobre na invocação do Pneuma divino um sentido de plenitude espiritual e de autotranscendência.

c) Inculturação

Se a anamnese e a prognose representam a redenção eterna (Hb 9,12) do Verbo Encarnado, a epiclese representa este acontecimento contínuo que é universal e carismático, a liberdade do Espírito Santo. Disso se deduz que a *inculturação* da liturgia em diversos continentes e povos é um processo tanto cristológico como pneumatológico: os aspectos cristocêntricos e pneumatocêntricos do cristianismo têm guiado a Igreja, que, mesmo muito timidamente, tentou expressar e manifestar a verdade e a caridade divinas por meio de diversas línguas, ideias e culturas, processo que hoje toma forma cada vez mais intensa, em razão das novas comunidades eclesiais, sobretudo na África e Ásia.

No processo de inculturação, seja nas Igrejas já estabelecidas, porém necessitadas de renovação, seja nas Igrejas novas, a epiclese compreende o aspecto carismático da liturgia sacramental que assegura que os aspectos fixos sejam acolhidos sem prejuízo das particularidades de uma determinada comunidade eclesial.

A epiclese litúrgica, como ação cultural que confere à Palavra uma mediação, uma exultação e uma inculturação, pode ser considerada seja como invocação seja como operação do Espírito Santo. A epiclese, como invocação do Espírito, é um ato de fé em sua ação eficaz sobre a Igreja, porque sem a referida tríplice atuação que o Pneuma oferece, a Igreja não seria santa, escatológica, recriada: uma comunidade de salvação.

2. Santificação da assembleia

A segunda dimensão da epiclese se refere mais ao caráter missionário dos membros do corpo místico de Cristo. Estes devem traduzir a graça santificante que têm recebido, mediante o encontro salvador com ele, em um estilo de vida social em conformidade com o peculiar valor ético simbolizado no mesmo rito. Como diz o Vaticano II a respeito da celebração eucarística: “*por ela, há de iniciar-se por isso toda educação do espírito comunitário. Para esta celebração no entanto realizar-se de maneira sincera e plena, deve constituir-se da mesma forma em canal para as*

⁹ Cf. ROSATO, Philip J. “Acciones epicléticas realizadas en la unidad del Espíritu Santo”. In: *Introducción a la teología de los sacramentos*. Estella: Verbo Divino, 1994, 41-46.

múltiplas obras de caridade e auxílio mútuo, para a ação missionária, como ainda para as várias formas de testemunho cristão".¹⁰

Se a invocação do Espírito sobre os gestos do acontecimento litúrgico torna atual e dinâmica a unidade dos cristãos com Cristo, a invocação sobre a assembleia ali presente torna manifesta e recomendável sua missão de evangelizar seu ambiente social. Nos ritos, o Espírito é invocado sobre os participantes como aquele que deve ensinar aos seguidores de Cristo todas as coisas e recordar-lhes tudo o que este lhes havia dito (Jo 14,26), de forma que tudo o que têm experimentado nos gestos e palavras litúrgicas se transforme em sustento e base de sua missão concreta no mundo e de estilo de vida correspondente, o que torna a missão atrativa e acreditável. A Igreja celebrante implora a plenitude do Espírito Santo a fim de que o único Corpo de Cristo num único espírito de sacrifício, o de serviço e entrega de si, derrame no âmbito social a paz e a salvação simbolizadas e contidas no próprio rito.¹¹

III. EPICLESE COMUNITÁRIA, ORTOPRÁTICA E PROFÉTICA

No século passado, um místico russo, o *staretz* Serafim de Sarov ensinava que a vida cristã consiste na aquisição do Espírito Santo. Na liturgia oriental há a invocação dirigida a Deus para que envie o seu Espírito sobre o que a sua Igreja lhe oferece, a fim de que a oferta seja transformada. Os ministérios ordenados estão, nestas celebrações, como servos do Espírito que age com poder. O ator principal dos sacramentos é o Espírito Santo. Em cada sacramento se realiza o Pentecostes.¹²

D. Dufrasne esclarece: *"A epiclese nos diz que o Espírito Santo está no coração da vida litúrgica e sacramental tal como ele desceu sobre o Cristo no Batismo, o transfigurou no Tabor, animou sua oração de ação de graças no momento da Ceia, o ressuscitou do túmulo, e o manifestará na Parusia. Ele vem nos deificar. A epiclese, desde Pentecostes situa muito bem a ação permanente do Espírito Paráclito: ele conduz para a sua plenitude o Cristo, seu corpo eucarístico e, comungando a ele, vivemos unidos ao Pai e solidários uns aos outros"*.¹³

Para os orientais existe uma palavra-chave da liturgia: a sinergia. Há uma "cooperação" entre Deus, ou melhor entre o Espírito Santo e a Igreja que celebra. Os orientais chamam esta ação conjugada da energia do Espírito Santo e da energia do homem de "sinergia", a soma das duas energias. Percebe-se toda a importância desta perspectiva teológica-litúrgica-pastoral: Deus, a Igreja e o homem engajados no mistério da salvação. Tudo isso se aplica aos diversos sacramentos.¹⁴

Eis as palavras contundentes de Paul Evdokimov: *"O Espírito Santo, panagion, é a qualidade da santidade divina, é a santidade hipostasiada. No momento da epifania, ele desce sobre a humanidade de Cristo, a perfaz e a realiza. O mesmo acontece nos sacramentos: o Espírito desce sobre o ser humano, dedica-o em sua totalidade, consagra-o e o santifica, torna-o pneumatóforo e, neste caso, capaz de ser modelado no arquétipo Cristo e de se tornar cristóforo: seremos semelhantes a ele (1Jo 3,2): santos"*.¹⁵

A compreensão dos sacramentos como ações invocatórias realizadas na unidade e potência do Espírito Santo revela que a graça santificante faz com que a Igreja mesma seja epiclética. Isto quer dizer que, por meio dos sacramentos, a Igreja se constrói como uma comunidade que vive e celebra a partir da invocação contínua do Pneuma divino. O fato de que a Igreja seja por si invocatória comporta as seguintes perspectivas sobre a graça sacramental:

1. realiza muito mais que a mera união interior dos cristãos com o Espírito Santo, já que consiste também essencialmente em uma colaboração com ele para viver concretamente as orações de invocação pronunciadas no culto;

¹⁰ PO 6.

¹¹ Cf. ROSATO, *Op. cit.*, 48-49.

¹² Cf. BAUZIN, Jean. *O Espírito Santo nas liturgias orientais*. In: Revista de Liturgia 16/93 (1989) 84-85.

¹³ DUFRASNE, D. CL 1984/2, 119. In: BAUZIN, *Op. cit.*, 85.

¹⁴ Cf. *Ib.*, 86.

¹⁵ EVDOKIMOV, Paul. *A mulher e a salvação do mundo*. São Paulo: Paulinas, 1986.

2. a graça tem sua origem, enquanto força com que os cristãos evitam o mal e realizam o bem, nos gestos simbólicos que conferem os dons e frutos do Espírito Santo, brindando assim um modelo geral de comportamento ético;

3. tem relevância profética, já que impulsiona os cristãos conduzidos pela força transcriadora do Espírito, que tem sido invocado na liturgia, a empreender obras de justiça e de caridade que contribuam para a instauração do Reino de Deus no mundo;

4. antecipa já o cumprimento definitivo da criação na parusia do Filho e no gozo final do Pai, e desta forma procura um sinal autêntico da unidade escatológica que a Igreja, junto à toda a humanidade, experimentará na comunhão intradivina.

Dado que sob a ação do Espírito Santo a liturgia representa dramaticamente o comportamento moral de Jesus Cristo e impulsiona os participantes a se implicarem nele, o próprio rito manifesta que a livre cooperação humana com o Espírito divino constitui a essência da ética cristã. Segundo os sociólogos da religião, a maior parte das ações das cerimônias humanas consolidam, mediante palavras e gestos de invocação, os valores humanos fundamentais. Deste modo, educam os participantes do culto a permanecerem no bem iniciado na assembleia religiosa, promovendo a coesão social e, em particular, saindo de encontro às aspirações dos jovens, dos enfermos e dos anciãos. O traço característico do rito cristão, contudo, consiste em que a invocação tem uma referência específica ao Espírito Santo, que é reconhecido como o poder divino de comunhão interpessoal (2Cor 13,14), o intermediário entre o Pai, o Filho e a humanidade (Rm 8,15; 1Cor 12,3), o mestre, definitivamente revelado, da transformação do conhecimento gratuito de Deus no amor reconhecido e pleno de esperança em Deus (Rm 15,13). E assim, o conceito de graça santificante derrama luz não só sobre as ações epicléticas da Igreja, senão também sobre os gestos semelhantes de outras religiões.¹⁶

Se os sacramentos comunicam uma experiência viva das atitudes morais de Jesus, o Espírito Santo se dá na graça santificante não só para consolidar nos cristãos estas atitudes, mas também para que penetre neles a atitude fundamental de Jesus de disponibilidade nas mãos da benevolência salvífica do Pai. A Igreja epiclética que brota da graça sacramental é assim comunidade profética, que opera junto com o Espírito Santo, de modo que a configuração do Reino comece a aparecer já no tempo atual.¹⁷

A existência cristã é um permanente louvor de Deus que acontece não só nos momentos intensos celebrativos, mas continua na vida cotidiana do cristão autêntico. É na união profunda com Cristo, através dos sacramentos, que podemos adorar Deus com toda a nossa existência, o nosso coração e as nossas obras. Cristo nos envia do Pai o Espírito Santo e este nos capacita a realizar o dom pleno de nós mesmos e o louvor dos lábios que quer tornar-se louvor de todas as nossas aspirações e de toda a nossa conduta. A liturgia é o melhor manual de vida cristã, que não se contenta com ensinar à nossa inteligência, mas visa sobretudo a plasmar o nosso caráter. O homem profundamente plasmado pelo louvor e pela adoração a Deus vê as coisas de maneira bastante diferente daquele que talvez só conheça a moral como imperativo. A Teologia moral do cristão formado na escola da liturgia não é simples doutrina normativa, principalmente no sentido de normas restritivas. O cristão adorador “em espírito e verdade” irradia alegria, amor, paz.¹⁸

Conclui Bernard Häring: “*O cristão plasmado pelos sacramentos é agente de paz. No seio da comunidade litúrgica, Cristo nos fala muitas vezes da sua paz e nos envia para colaborarmos na grande obra da reconciliação e da paz. Na verdade, não é tarefa fácil. Requer profundo enraizamento no mistério salvífico e dedicação total à nossa missão histórico-salvífica: enraizamento e dedicação que se alcançam mediante intensa vida litúrgica e correspondente piedade pessoal. Então, recolocaremos toda a nossa confiança na força do Espírito de Cristo*”.¹⁹

¹⁶ Cf. ROSATO, *Op. cit.*, 49-52.

¹⁷ Cf. *Ib.*, 53-57.

¹⁸ Cf. HÄRING, Bernard. *Existência cristã e liturgia*. In: D. SARTORE – A. M. TRIACCA, *Op. cit.*, 439-441.

¹⁹ *Ib.*, 441.

BIBLIOGRAFIA

- BAUZIN, Jean. *O Espírito Santo nas liturgias orientais*. In: Revista de Liturgia 16/93 (1989) 83-87.
- HÄRING, Bernhard. *Existência cristã e liturgia*. In: SARTORE, Domenico – TRIACCA, Achille M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo – Lisboa: Paulinas – Paulistas, 1992, 436-441.
- LAMBIASI, Francesco. *Espírito Santo*. In: LATOURELLE, René – FISICHELLA, Rino. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis – Aparecida: Vozes – Santuário, 1994, 265-271.
- ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991, 177-184.
- ROSATO, Philip J. “Acciones epicléticas realizadas en la unidad del Espíritu Santo”. In: *Introducción a la teología de los sacramentos*. Estella: Verbo Divino, 1994, 17-57.
- TRIACCA, A. M. *Espírito Santo*. In: SARTORE, Domenico – TRIACCA, Achille M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo – Lisboa: Paulinas – Paulistas, 1992, 359-370.